

UMA ANÁLISE ACERCA DO CONTEÚDO DOS HINOS OFICIAIS E POPULARES DOS PRINCIPAIS CLUBES CARIOCAS DE FUTEBOL DA PRIMEIRA REPÚBLICA AO ESTADO NOVO

Manoel José Gomes Tubino^{1,2}

Bruno Castro de Souza^{2,3} brunocastro@colegiosantamonica.com.br

Rafael Valladão² rafael-valladao@hotmail.com

doi:10.3900/fpj.8.1.56.p

Tubino MJG, Souza BC, Valladão R. Uma análise acerca do conteúdo dos hinos oficiais e populares dos principais clubes cariocas de futebol da Primeira República ao Estado Novo. *Fit Perf J.* 2009 jan-fev;8(1):56-67.

RESUMO

Ao analisarmos os hinos oficiais compostos na época do amadorismo do futebol, período da Primeira República brasileira, verificamos a forte influência do pensamento higienista e a presença do futebol como substituto da atividade bélica. Analisando os hinos populares, compostos na década de 1940 por Lamartine Babo, célebre compositor e radialista, observa-se um conteúdo mais popular atendendo a carnavalesco do futebol, expressando o sentimento de identidade nacional forjado sob a batuta autoritária do Estado Novo, e contribuindo para fazer do futebol o espetáculo das multidões, através da expansão do rádio, como meio de mobilização das massas.

PALAVRAS-CHAVE

Futebol, Poder (psicologia), Sociologia.

¹ Presidente da International Federation of Physical Education - FIEP

² Universidade Castelo Branco - UCB/RJ - Rio de Janeiro - Brasil

³ Colégio Santa Mônica - Rio de Janeiro - Brasil

AN ANALYSIS ABOUT THE CONTENTS OF THE OFFICIALS AND POPULAR ANTHEMS OF THE MAIN SOCCER TEAMS OF THE CITY OF RIO DE JANEIRO FROM THE *PRIMEIRA REPÚBLICA* TO THE *ESTADO NOVO*

ABSTRACT

Analyzing the official anthems composed during the amateurism of soccer, period of the “Primeira República”, it’s possible to notice a strong influence by the hygienist thought and the presence of soccer as a substitute of warlike activity. Analyzing the popular anthems, composed the 1940s by Lamartine Babo, famous composer and radio announcer, it’s possible to observe a bigger popular content attending the “carnivalization” of soccer, expressing the feeling of national identity forged by the authoritarianism of the “Estado Novo” and contributing for the changing of the soccer as a great show through the development of the radio as a means of crowd mobilization.

KEYWORDS

Soccer, Power (Psychology), Sociology.

UN ANÁLISIS SOBRE EL CONTENIDO DE LOS HIMNOS OFICIALES Y POPULARES DE GRANDES CLUBES DE FÚTBOL CARIOCA DE PRIMERA REPÚBLICA DEL NUEVO ESTADO

RESUMEN

Al examinar el oficial himnos compuestos en el momento del amateurismo en el fútbol, el período de la Primera República de Brasil muestra la fuerte influencia del pensamiento higienista y la presencia de actividad de fútbol como un sustituto de la guerra. Analizando las canciones populares, compuesta en la década de 1940 por Lamartine Babo, famoso compositor y la radio, hay una opinión de la más popular del fútbol carnavalização contenido, expresando el sentimiento de identidad nacional forjado, bajo la batuta del nuevo Estado autoritario, y contribuir a el fútbol espectáculo de las multitudes a través de la expansión de la radio como medio de movilizar a las masas.

PALABRAS CLAVE

Fútbol, Poder (Psicología), Sociología.

Futebol e sociedade

Toda partida de futebol é constituída por gestualidades e sonoridades. Os passes, dribles, chutes, carrinhos e abraços são gestos que, no contexto de uma partida, somam-se a apitos, exclamações, gritos, advertências, palmas, vaias, cânticos, enfim, sons que proporcionam ao espetáculo ritmo e cadência particulares à modalidade¹.

Dentro dos cânticos entoados pelos torcedores, é comum verificarmos os hinos de seus clubes e, até mesmo, músicas incorporadas pelas torcidas que, em alguns casos, se eternizam tornando-se freqüentes no repertório da platéia nos estádios. As circunstâncias em que essas manifestações surgiram, a oficialidade das mesmas e o processo de apropriação pelos torcedores, estão ligadas a diversos fatores sócio-culturais que ajudam a revelar elementos fundamentais da história dos clubes e que se entrelaçam com a história da sociedade, trazendo à tona elementos importantes para manutenção da cultura regional e nacional.

No Brasil, país de dimensões continentais que, certamente, tem a prática do futebol difundida nos mais longínquos rincões nacionais, não se encontra na produção intelectual o mesmo desenvolvimento da prática

esportiva em si. Partindo-se da premissa que o futebol é um dos fenômenos culturais mais difundidos no mundo de hoje, faz-se mister abandonar a sua aparente simplicidade e perceber que, por meio dele, emerge uma série de elementos formais e emocionais que estão presentes em vários campos do viver humano e nos auxiliam a compreender as diversas contradições da sociedade brasileira, formulando estudos e sugestões para um melhor desenvolvimento da sociedade em que vivemos¹.

Berço da revolução industrial e do futebol, a Inglaterra exportava não apenas uma longa série de produtos industriais e de serviços, mas também fenômenos sociais e culturais, cuja origem Inglesa por si só conferia ares de modernidade. Dentre eles, o futebol. Foi nesse clima cultural que nasceram muitos dos clubes que estariam dentre os grandes da história do futebol como, por exemplo, o Clube de Regatas Vasco da Gama, fundado em 1898².

Segundo Melo³, antes de retornar da Inglaterra para o Brasil em 1894, o jovem paulistano Charles Willian Miller, filho de um engenheiro escocês aqui radicado, trouxera em sua bagagem uma série de materiais: dois uniformes, um par de chuteiras, duas bolas, uma bomba de ar, um livro de regras e um

forte desejo de desenvolver o esporte entre seus pares. Antes disso, entre 1880 e 1890, jesuítas haviam introduzido jogos com o *Ballon Anglais*. No colégio São Luís, de Itu, jovens da elite social paulistana disputavam um jogo aparentado ao *football association*, denominado “bate bolão”, que, a partir de 1894, já incorporava alguns elementos do futebol moderno: onze jogadores para cada lado; traves de madeira; e times uniformizados.

A proliferação de clubes e times de futebol pelo país, sobretudo nas populosas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, obedeceu basicamente a duas grandes tendências. A primeira tendência, orientada pelos valores do cavalheirismo, do *fair play* e do amadorismo, envolveu a elite da sociedade brasileira, que buscava uma aproximação aos valores da modernidade europeia. Dois exemplos disso são o Fluminense Futebol Clube⁴, fundado em 1902, e o América Football Club do Rio de Janeiro⁵, fundado em 1904. Estes times foram fundados através de iniciativas ligadas a associações

atleticas que, por sua vez, estavam ligadas a estabelecimentos de ensino. Outros times surgiram a partir de clubes independentes, como o Botafogo Futebol Clube⁶, fundado em 1904. Alguns clubes, dedicados a outras modalidades esportivas, introduziram o futebol posteriormente, como o Clube de Regatas do Flamengo⁷ em 1911. Colégios e clubes constituíam-se em espaços restritos de formação, lazer e sociabilidade. Nestes espaços pretendia-se representar a pretensa superioridade da elite da sociedade brasileira, que procurava se fortalecer, num movimento endógeno, por meio da difusão de vínculos de solidariedade e do afastamento dos demais setores sociais.

A segunda tendência demonstrou que as fronteiras sociais do futebol começaram a ser transpostas desde cedo, com a formação de times improvisados pelos setores populares, que jogavam com bolas desgastadas, em terrenos ainda não ocupados pelo processo de urbanização. O futebol oportunizou a estes grupos uma inclusão negada, até então, em outras esferas sociais. Dentro, ainda, da segunda tendência, haviam clubes vinculados a empresas, como, o Bangu Atlético Clube, fundado em 1904 e ligado à Fábrica de Tecidos Bangu¹. As empresas recrutavam funcionários que se dedicavam cada vez mais ao clube, afrontando o limite do amadorismo imposto pela elite da sociedade nacional.

O início da organização do futebol nacional assiste, então, a uma dupla concepção: a elitista e a popular. A concepção elitista abrigou os ideais higienistas, pelos quais se podia perceber um contexto de assepsia social, bastante propalado por intelectuais do período, sendo um deles Rui Barbosa⁸. Por sua vez, a concepção popular tinha nos gestos acrobáticos da temida capoeira e nas ações coletivas do ruidoso

Quadro 1 - Primeiro hino oficial do Fluminense Football Club⁹

*O Fluminense é um crisol
Onde apuramos a energia
Ao pleno ar, ao claro sol
Lutando em justas de alegria
O nosso esforço se congrega
Em torno do ideal viril
De avigorar a nova raça
Do nosso Brasil!
Corrige o corpo como artista
Vida imprime à estátua augusta
Faz da argila uma robusta
Peça de aço onde a alma assista
Na arena como na vida
Do forte é sempre a vitória
Do estádio foi que a
Grécia acometida
Irrompeu para a glória
Ninguém no clube se pertence
A glória aqui não é pessoal
Quem vence em campo é o Fluminense
Que é, como a Pátria, um ser ideal
Assim nas justas se congrega
Em torno dum ideal viril
A gente moça, a nova raça
Do nosso Brasil!
Adestra a força e doma o impulso
Triunfa, mas sem alardo
O herói é bravo mas galhardo
Tão forte d'alma que de pulso
A força esplende em saúde
E abre o peito à bondade
A força é a expressão viva da virtude
E garbo da mocidade*

H. Williams e Coelho Netto - 1915

Quadro 2 - Segundo Hino Oficial do Fluminense Football Club¹⁰

*Companheiros de luta e de glória
Na peleja incruenta e de paz
Disputamos no campo a vitória
Do mais forte, mais destro e sagaz!
Nossas liças de atletas são mansas
Como as querem os tempos de agora
Ressuscitam heróicas lembranças
Dos olímpicos jogos de outrora
Não nos cega o furor da batalha
Nem nos fere o rival, se é mais forte!
Nossas bolas são nossa metralha
Um bom goal, nosso tiro de morte
Fluminense, avante, ao combate
Nosso nome cerquem os de glória
Já se ouve tocar a rebate
Disputemos no campo a vitória.*

Antônio Cardoso de Menezes Filho - 1916

movimento operário, saberes, expressões e habilidades que viriam a ser determinantes na maneira de se jogar futebol no Brasil.

Foi a partir do início dos anos 1930, com as coberturas jornalísticas de Mário Filho e as locuções apaixonadas do ilustre compositor e radialista Ary Barroso, que o grande público passou a se vincular mais fortemente a determinados clubes, dentro e fora dos estádios¹. Esse processo contribuiu para transformar o futebol nacional em um grande espetáculo das multidões, estimulando a presença das famílias nos estádios, a fim de torcerem por seus times. A maior participação

da sociedade nos estádios acarretou a elaboração de símbolos, como bandeiras, músicas, hinos, distintivos, flâmulas, mascotes e grupos uniformizados que eram utilizados para incentivar e acompanhar os times de sua preferência. Paralelamente, o futebol era reconhecido pelos novos governantes como eficiente meio de mobilização das massas, e a seleção de futebol nacional como ingrediente fundamental da representação da nacionalidade.

A partir daí, na parte musical desse simbolismo, analisaremos a enorme importância do conjunto de hinos oficiais e populares dos clubes cariocas de futebol, como indispensável documento de registro de aspectos fundamentais da nossa sociedade, mostrando que os hinos, em sua gênese, abrigaram a paixão do artista/torcedor popular e conferiram às obras fidelidade e coerência histórica, evidenciando, assim, a importante relação entre o jogo de futebol e a sociedade brasileira.

Quadro 3 - Hino Oficial do Botafogo Football Club¹¹

Botafogo Gentil!
Pura Glória do esporte brasileiro
A expressão mais viril
Da energia e do brio verdadeiro!
A lutar com afã
Tu farás, corrigindo a juventude,
Que o Brasil de amanhã
Seja a pátria da força e da saúde
Teu futuro e teu passado
Defendidos sem repouso
Façam sempre respeitado
Esse teu nome glorioso!
O alvinegro pendão,
O caminho a apontar-nos da vitória
Do Cruzeiro o clarão
As estrelas traduza a nossa glória!
Não te falte jamais
Da ousadia a nobreza e o puro fogo
Que o primeiro, entre os mais,
Há de ser ó glorioso Botafogo

Eduardo Souto e Octacílio Gomes - ano não encontrado

Quadro 4 - Hino Oficial do América¹⁰

Alvi Rubro pendão da vitória
Que os campos de luta se agita
Ao bafejo bendito da glória
Que a lutar e a vencer nos incita
Alvi Rubro pendão defraldado
Sobre a moça energia do forte
Tem em cada um de nós um soldado
Se preciso a marchar para a morte
O América sempre na frente
A vitória é a muito seu hall
Vigoroso, tenaz e valente
Passe, dribla, chuta, gol, gol!!
Alvi Rubro pendão posto ao vento
Farfaldado, soberbo as tuas cores
Nos sentimos brotar nosso alento
Novas forças e novos valores
Nos sentimos ao ver-te, estandarte
Transformarem-se espinhos em flores
Simbolizas, o augusto baluarte
Do campeão, campeão dos vencedores

Soriano Roberto e Americano Maia - 1922

Os hinos oficiais dos clubes na Primeira República

Fluminense Football Club

O primeiro hino oficial do Fluminense (Quadro 1) teve a letra composta pelo acadêmico Paulo Coelho Netto, sobre a música de H. Williams - "It's a long, long way to Tipperary" - canção popular durante a Primeira Guerra Mundial entre os soldados britânicos e foi cantado, pela primeira vez, na solenidade de inauguração da 3ª sede do clube em 23 de julho de 1915.

O hino foi, provavelmente, executado em público pela primeira vez em 29 de julho de 1915, em um baile realizado no rinqe de patinação, quando aconteciam os festejos comemorativos pela construção da nova sede, na gestão do presidente Joaquim da Cunha Freire Sobrinho, que liderava o início de uma nova fase de remodelação material, social e esportiva do clube.

O saudoso escritor Paulo Coelho Netto, autor do primeiro hino, foi o criador, o instituidor, o realizador da vida artística do Fluminense. Exerceu o cargo administrativo de Vice-presidente do clube e, como acadêmico, foi fundador da Academia Brasileira de Letras, Diretor da Escola Dramática Municipal, sendo ainda Deputado Federal pelo estado do Maranhão. Consta no livro "História do Fluminense - 1902-2002", escrito por ele, e atualizado pelo escritor Rodrigo Nascimento, que Coelho Netto quebrou tumultuosamente uma tradição do rígido Fluminense, iniciando a primeira invasão em campo de futebol no Rio de Janeiro, tornando-se, desde então, o símbolo do intelectual-torcedor, na década de 1910.

O acadêmico Paulo Coelho Netto, ocupante da cadeira número dois da Academia Brasileira de Letras, membro de família tradicional da elite carioca, foi, sem dúvida alguma, um grande incentivador e realizador da cultura nacional. Porém, é oportuno registrar o quanto ficava explícito, no discurso da camada social dominante, o preconceito e a insensibilidade com aspectos que envolviam setores mais desfavorecidos da população.

A Coelho Netto muito deve o Fluminense, no que tange à sua projeção social. Tudo quanto ele fez foi com amor, porque o amor foi um dos traços dominantes do seu temperamento. Amou a arte, amou a justiça, amou seus livros, amou seu escritório, sua mesa de trabalho, amou a pátria, amou seu Maranhão que tão ingrato lhe foi, não o reconduzindo na sua representação na Câmara Federal. “Fui substituído por um analfabeto”, foi o único comentário amargo de Coelho Netto⁹.

O segundo hino oficial do Fluminense (Quadro 2) possui letra e música de Antônio Cardoso de Menezes Filho, sendo criado para tomar o lugar do primeiro hino oficial do clube, criado em 1915, e que estava sendo motivo de paródias.

Na dimensão melódica, o segundo hino oficial é uma marcha marcial de inspiração bélica, muito comum aos hinos do período. A letra é um retrato fiel do perfil elitista e higienista do clube, que atinge o ápice dessa atmosfera quando sugere que as vitórias são disputadas pelo mais fortes, mais destros e sagazes, dando uma nítida conotação de raça superior que, de maneira excludente, afastava do convívio os fracos na esfera biológica e social.

A presença, nos hinos oficiais tricolores, de famílias tão influentes na elite carioca - os Coelho Netto e os Cardoso de Menezes - no início do século XIX, reforça a análise feita sobre a letra das obras que possuem forte influência do pensamento eugênico e higienista, colocando o Fluminense *Football Club*, como um símbolo do pensamento excludente daquele período.

Botafogo Football Club

O hino oficial do Botafogo *Football Club* (Quadro 3), que tem letra de Octacílio Gomes e música do maestro Eduardo Souto (1882/1942), não é muito popular entre a mídia e os torcedores. A composição da parte melódica desta obra envolve um personagem fundamental na história da música popular brasileira. Maestro Eduardo Souto (1882/1942), além de ter deixado o belo hino oficial alvi-negro, legou também uma vasta obra autoral ao povo brasileiro e ainda contribuiu enormemente, através de sua produção, para o desenvolvimento e a fixação do gênero “marcha”¹³, que seria mais tarde, na

década 1940, o gênero usado pelo célebre compositor Lamartine Babo para compor os hinos populares que se imortalizariam entre os torcedores dos principais clubes de futebol do Rio de Janeiro.

América Football-Club

O hino oficial do América (Quadro 4) foi composto em 1922 por Soriano Roberto e Americano Maia. O manuscrito encontra-se no Departamento Histórico do América *Football Club*, e, embora não conste o nome dos autores, o “Jornal de Hoje”, de Nova Iguaçu, no artigo de Almirante datado de 7 de setembro de 1977, afirma ser de Soriano Roberto e Americano Maia¹².

Apesar da composição de Soriano Roberto e Americano Maia ser considerada o primeiro hino oficial do clube, Cunha e Castro¹², fazem referência a um hino (ou hymno) anterior a este, consagrado à bandeira.

Extraído de um recorte de jornal (8/9/1917), infelizmente sem indicação, com o seguinte título “O América já tem Hymno”, e a explicação seguinte: “O Sr. J. Freire Junior acaba de rever a letra do hymno consagrado à bandeira do campeão de 1916, sendo a letra de autoria do Dr. Luiz França”. Em “O Jornal de Hoje” - Nova Iguaçu (7 de dezembro de 1977), Almirante afirma que o hino data de 1915, tem música de Freire Júnior e letra de Luiz França.

Club de Regatas do Flamengo

O Hino oficial do Clube de Regatas do Flamengo (Quadro 5) tem letra e música de um ex-goleiro do clube, Paulo Magalhães. Criado em 1920 e gravado pela primeira vez em 1932 pelo cantor Castro Barbosa, foi registrado somente em 1937 no Instituto Nacional de Música.

Quadro 5 - Hino Oficial do Flamengo¹⁵

*Flamengo, Flamengo
Tua glória é lutar!
Flamengo, Flamengo
Campeão de terra e mar
Saudemos todos com muito ardor
O pavilhão do nosso amor
Preto e encarnado, Idolatrado
Dos mil campeões, do vencedor
Flamengo, Flamengo
Tua glória é lutar!
Flamengo, Flamengo
Campeão de terra e mar
Lutemos sempre com valor infindo
Ardentemente, com denodo e fé
Que o seu futuro inda será mais lindo
Que o presente
Que tão lindo é*

Paulo de Magalhães - 1920

Paulo Magalhães foi goleiro do clube de 25/08/1918 à 20/07/1919 tendo atuado contra times do Rio de Janeiro que permanecem até hoje no cenário esportivo, como o Bangu e o São Cristóvão, além de outros que deixaram de existir, como o Carioca e o Mangureira. Além de ter defendido as cores de seu clube, Magalhães, como era mais conhecido, também trabalhou como jornalista, teatrólogo e escritor.

O hino oficial foi executado pela primeira vez em um jogo contra o Palmeiras, na Rua Paissandu, no Rio de Janeiro, no dia 14 de novembro de 1920, e registrado somente em 1937 no Instituto Nacional de Música. Também ficou popularmente conhecido no período como “marchinha”, sendo gravado pela primeira vez

em 1932 pelo cantor Castro Barbosa. O referido cantor, mais tarde, se notabilizaria, ao lançar em 1931 um dos maiores sucessos carnavalescos de todos os tempos, a marcha “O teu cabelo não Nega”, de Lamartine Babo e Irmãos Valença¹³.

A obra de Paulo de Magalhães tem características melódicas diferentes dos demais hinos oficiais, aproximando-se mais do gênero marcha, o que lhe conferiu uma estética mais popular e deixou para trás a formalidade dos hinos marciais de então. Esse fato pode ter contribuído para a popularização e a perpetuação do hino, que parece ser a obra oficial mais conhecida entre os torcedores, na atualidade.

Quadro 6 - Primeiro Hino Oficial do Vasco da Gama¹⁶

*Clangoroso apregoa, altaneiro
O clarim estridente da fama
Que dos clubes do Rio de Janeiro
O invencível é o Vasco da Gama
Se vitórias já tem no passado
Glorias mil há de ter no porvir
O seu nome é por nós adorado
Como estrela no céu a fulgir!*
Refrão:
*Avante então
Que pra vencer
Sem discussão
Basta querer
Lutar, lutar
Os vascaínos
De terra e mar
Os paladinos
É mundial
A sua fama
Vasco da Gama
Não tem rival
Mais uma glória
Vai conquistar
Lutar, lutar
Para a vitória
Sobre os peitos leais, vascaínos
Brilha a Cruz gloriosa de Malta
Corações varonis, leoninos
Que o amor pelo Vasco inda exalta.
Quando o Vasco em qualquer desafio
Lança em campo o seu grito de guerra
Invencível, nervoso arrepio
Faz tremer o rival e a terra!
Vascaínos, avante é lutar
Sempre o Vasco venceu quando quis
Quer em terra, ou ainda no mar
Nunca o Vasco baixou a serviz
Viva, pois, nosso Vasco da Gama
Nosso clube leal, valoroso
Tudo o diz, assegura e proclama
Nosso Vasco é o mais glorioso*

Joaquim Barros Ferreira da Silva - 1918

Club de Regatas Vasco da Gama

O primeiro hino oficial do Vasco da Gama (Quadro 6) foi criado e ofertado ao clube, em agosto de 1918, pelo poeta e compositor Joaquim Barros Ferreira da Silva. A composição chegou às mãos da diretoria do clube por intermédio do então vice-presidente, Raul Ferreira.

A obra de Joaquim Barros Ferreira da Silva foi composta apenas três anos depois do clube ter jogado sua primeira partida de futebol. Portanto, o remo ainda tinha mais influência e adeptos do que os desportos praticados em terra. Mesmo assim, o autor não deixou de afirmar na letra que o clube nunca abaixou a serviz, quer seja em terra, ou mesmo no mar. O primeiro título conquistado em “terra e mar” viria em 1924, ano que o clube levou os títulos concomitantes de remo e futebol¹⁵.

Pela brilhante trajetória do clube na luta pela igualdade de direitos na sociedade carioca, não se vê conteúdo de caráter higienista na letra, mas percebe-se uma atmosfera marcial e bélica, que registra expressões comuns a esse universo.

Não se sabe o ano exato de criação do segundo hino oficial do Clube de Regatas Vasco da Gama (Quadro 7), embora se saiba que ele é anterior a 1949. Em 1974 os jogadores campeões brasileiros gravaram o hino, para

Quadro 7 - Segundo Hino Oficial do Vasco da Gama¹⁷

*Vasco da Gama evocas a grandeza
Daqui e d'além mar
Teu pavilhão refulge de beleza
Perene a tremular!
Dos braços rijos de teus filhos,
O mar sagrou-te na história!
Reflete pelos céus em forte brilho
O cetro que ostentas da vitória!
Na cancha és o pioneiro!
És o mais forte entre os mil!
Com a fama que ecoa no estrangeiro
Elevas o esporte do Brasil!*

Ernani Corrêa e João de Freitas - ano não encontrado

que a renda obtida com a venda dos discos revertesse para a premiação do título.

Os hinos oficiais descritos no presente trabalho foram compostos em sua maioria no período da Primeira República Brasileira (1889/1930), também conhecida como República Velha. No início da Primeira República foi estabelecido um governo provisório, liderado pelo então Marechal Deodoro da Fonseca, que estabeleceu algumas mudanças estruturais no país, como a reforma do código penal, a separação da igreja e do estado, a naturalização dos estrangeiros residentes no país, a anulação do senado vitalício, entre outras. Em 24 de fevereiro de 1891 foi promulgada a primeira Constituição da República do Brasil, quando, então, estabeleceu-se a federação dos estados, o sistema presidencial, o casamento civil, a separação dos poderes e a autonomia dos estados e municípios. O crescente fortalecimento político e econômico das oligarquias agrárias, que se encontravam insatisfeitas com o modelo ditatorial imposto pelos presidentes militares, leva ao poder o presidente Prudente de Moraes, gerando o fortalecimento da República Oligárquica intimamente relacionada com os interesses da aristocracia cafeeira.

Segundo Tubino¹⁸, foi nesse período que surgiram no Brasil as principais modalidades esportivas. O Remo, que já vinha sendo praticado desde o Império, desenvolveu-se muito com a fundação dos clubes, tornando-se o principal esporte no país até as primeiras décadas do século XX. Entre o final do século XIX e o início do século XX, surgiram a natação competitiva, o basquetebol, o tênis, o futebol, e a esgrima.

Mais adiante, entre os anos 1915 e 1922, período que assistiu a relevantes episódios da história nacional, como a promulgação do código civil brasileiro, a epidemia da gripe espanhola¹⁹, que enlutou centenas de milhares de famílias, e a deflagração da Primeira Guerra Mundial no governo do presidente Venceslau Brás (1914/1918), surgem os primeiros hinos oficiais dos clubes cariocas que, nesse momento, já tinham o futebol como primeiro esporte em preferência popular. O pioneirismo do Fluminense, na composição de hinos em 1915, inaugura um diálogo entre dois dos maiores representantes da identidade nacional na atualidade: a música e o futebol. Unidas, essas manifestações refletem com incrível precisão, boa parte do nosso imenso universo sociocultural e da nossa "brasildade"²⁰.

Ao analisarmos a letra dos hinos oficiais, compostos no período da Primeira República brasileira, verificamos duas características básicas e predominantes que forjaram aspectos semelhantes nas manifestações, permitindo-nos agrupá-las.

A primeira característica é a forte influência do pensamento higienista do período, nas letras dos hinos. Termos, como assepsia, limpeza, viril, saúde e nova raça,

presentes nos hinos, eram muito usados por intelectuais do período que acreditavam que os obstáculos impostos pela base racial brasileira eram insuperáveis. "As medidas para o branqueamento da sociedade brasileira, iniciadas na segunda metade do século XIX, haviam transformado o Centro-Sul em um mosaico de colônias de imigrantes europeus"¹.

Influenciados por teóricos, como Gobineau, Agassiz e Le Bon, só viam num programa intenso de imigração uma saída favorável para a nação brasileira. Nessa perspectiva, o grande problema da nacionalidade radicava-se no povo que, no limite, deveria ser substituído^{21,22}. Nesse período, tentou-se também resolver o problema da saúde pública através da educação, ampliando-se a discussão a respeito do papel higienizador da Educação Física, tão propalada nos célebres pareceres de Rui Barbosa, que abordavam a necessidade de mais atividade física nas escolas e, indiretamente, valorizavam as práticas esportivas para os brasileiros em geral. Naquela época, o esporte e a Educação Física eram considerados concomitantemente, não ocorrendo uma distinção teórica. Apesar disso, as competições esportivas já aconteciam isoladamente, começando a receber uma interpretação independente das sessões de Educação Física¹⁸.

Quadro 8 - Hino popular do Fluminense¹⁷

*Sou tricolor de coração
Sou do clube tantas vezes campeão
Fascina pela sua disciplina
O Fluminense me domina
Eu tenho amor ao tricolor
Salve o querido pavilhão
Das três cores que traduzem tradição
A paz, a esperança e o vigor
Unido e forte pelo esporte
Eu sou é tricolor
Vence o Fluminense
Com o verde da esperança com
Quem espera sempre alcança
Clube que orgulha o Brasil
Retumbante de glórias
E vitórias mil
Vence o Fluminense
Com a cor do encarnado
Com amor e com vigor
Faz a torcida querida
Vibrar com a emoção
Do tricampeão
Vence o Fluminense
Usando a fidalguia
Branco é paz e harmonia
Brilha ao sol da manhã
Ou à luz do refletor
Salve o tricolor*

Lamartine Babo e Lírio Panicalli - 1949

A segunda característica que podemos salientiar é a presença do futebol brasileiro como substituto da atividade bélica, nas letras dos hinos oficiais. Quase todas as composições desse período inicial fazem do time de futebol um batalhão de soldados em marcha, para defesa da honra ou para busca da “glória”, numa espécie de substituição do campo de guerra. Virilidade, altivez, coragem e sacrifício são os principais atributos dos jogadores nas músicas que falam sobre o futebol nesse período, assemelhando-se, em todos os aspectos, aos hinos patrióticos repetidos pelos exércitos desde os românticos nacionalistas do século XIX ²⁰.

A linguagem bélica, que reforça a idéia do futebol como substituto para os impulsos direcionados ao conflito armado, surgiu dentro do futebol neste começo de século e vem sendo reforçada de período em período, demonstrando que o futebol pode estar permanecendo até hoje com essa função. A rápida aceitação e expansão do futebol na sociedade brasileira evidencia seu caráter democrático e nivelador no sentido da prática esportiva em si. Para a antropóloga Simoni Lahud, é hoje incontestável que, “se desejamos compreender o Brasil, é preciso passar também pelos seus campos de futebol”²⁰. O que os hinos oficiais dos clubes cariocas retratam, em suas letras e melodias de inspiração bélica, se coaduna com o momento vivido pelo país sob influência da Primeira Guerra Mundial e com o simbolismo representado pelo esporte, que simula uma batalha sem mortos e com hora para terminar, fazendo desse esporte uma válvula de escape das mazelas da vida cotidiana num país, marcado desde sua origem, pela exclusão e pela desigualdade .

Quadro 9 - Hino popular do Botafogo¹⁷

*Botafogo, Botafogo,
Campeão desde 1910
Foste herói em cada jogo
Botafogo
Por isso é que tu és
E há de ser
Nosso imenso prazer
tradições,
Aos milhões tens também
Tu és o Glorioso
Não podes perder,
Perder pra ninguém
Noutros esportes
Tua fibra está presente
Honrando as cores
Do Brasil e de nossa gente
Na estrada dos louros,
um facho de luz
Tua estrela solitária
Te conduz*

Lamartine Babo - 1949

Como afirmara Sócrates, o ex-jogador, se não houvesse o futebol, nós teríamos outra coisa. Se não houvesse outra coisa, nós teríamos uma guerra civil a cada dia²⁰.

Lamartine Babo e os hinos populares no Estado Novo

Na década 1940, o célebre compositor e radialista Lamartine Babo criou e divulgou em seu programa “O Trem da Alegria”, na Rádio Maryink Veiga, os hinos populares dos clubes cariocas, que se tornaram amplamente conhecidos e imortalizados por suas respectivas torcidas. Ao lado do radialista Héber de Bôscoli, que era o maquinista, e de Yara Sales, a foguista, Lalá apresentava-se como o guarda-freios do trem²³. Os três intitulavam-se o Trio de Osso, em alusão ao Trio de Ouro, famoso grupo constituído na música popular brasileira por Herivelto Martins, Dalva de Oliveira e Nilo Chagas. Héber de Bôscoli desafiou Lamartine a fazer um hino por semana para cada um dos 11 clubes cariocas, e, apesar do curtíssimo espaço de tempo, o desafio foi aceito e todas as terças-feiras um hino era apresentado.

Todos os hinos populares dos clubes cariocas presentes nesse trabalho foram compostos por Lamartine na década de 1940 em ritmo de marcha, estilo muito peculiar e com ótima aceitação popular no período. O célebre compositor já tinha amplo reconhecimento de público por ter feito muito sucesso com marchas carnavalescas que, a partir do advento do rádio, alcançavam dimensão nacional.

Fluminense Football Club

Segundo Valença²³, biógrafo de Lamartine, o hino popular do Fluminense (Quadro 8) fora feito na sorveteria americana, que ficava onde seria depois a garagem do Hotel Serrador, prédio hoje adquirido pela Petrobrás, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e tinha um toque lírico, devido às características refinadas do clube²³. A poesia, na primeira parte, salienta uma forte relação entre torcedor e clube, deixando a sensação de uma paixão arrebatadora que contagia aqueles que pertencem à agremiação²⁴. Na segunda parte, a obra atribui sentido às cores, mostrando um forte simbolismo que une a torcida ao clube, criando um forte vínculo identitário.

A letra de Lamartine não traz a carga higienista presente nos hinos oficiais do tricolor, mas não deixa de apresentá-lo num tom nobre e cavalheiresco. O clube chega a dominar o torcedor, que entra num caminho de êxtase, de fora do real: “O Fluminense me domina, eu tenho amor ao tricolor”²⁴.

Botafogo de Futebol e Regatas

O hino do Botafogo (Quadro 9) gerou polêmica e protesto pela sua diretoria, que entendeu que a parte do hino “de 1910” daria a entender que o clube só fora

campeão nesse ano. Em outra ocasião, Lalá explicava que, inicialmente, escrevera “desde 1910”, mas que gravou “de 1910”, o que gerou a confusão. Apesar da argumentação, os dirigentes do Botafogo não se deram por satisfeitos e, na gestão do vice-presidente Ademar Bebiano, o hino popular foi proibido de ser tocado no Maracanã. Mas, apesar de toda essa intransigência, o hino que ficou consagrado foi mesmo o popular, com o “desde 1910”²³. A letra tem profunda beleza poética que enaltece as glórias do clube, sendo metaforicamente traduzida nas belas expressões: “na estrada dos louros/ um facho de luz/ tua estrela solitária/ te conduz”. O foco principal da obra está em mostrar poeticamente a grandiosidade do clube, tendo a letra muito refinamento estético, com mais características líricas e menos narrativas emocionadas e apaixonadas relacionadas à torcida.

América Football Club

O hino popular do América (Quadro 10), time do compositor Lamartine Babo (Figura 1), teve sua melodia copiada da canção “Row Row Row”, escrita em 1912 pelos americanos Willian Jerome e James Mônaco. O jornalista Armando Nogueira, em viagem à França, escutou a canção e ficou indignado com o suposto plágio, por parte dos americanos, do hino do América de Lamartine. Chegando ao Brasil foi ter com Oswaldo Sargentelli, sobrinho de Lalá, que, para sua surpresa, afirmou que o plágio na verdade era de seu tio. O escritor e jornalista Sérgio Cabral perguntou a Lamartine sobre o plágio e a resposta veio em tom irreverente: “Mas o nome do clube não é América?”²⁵. Assim como no hino popular do Flamengo, o autor leva até as últimas consequências o amor do torcedor pelo clube, reforçando que este poderá torcer até morrer. Salienta a cor principal da agremiação, fazendo uma linda metáfora com a cor do coração, o que confere muita beleza estética e poética à obra.

Os anos de conquistas de campeonatos merecem um local de destaque na letra, que também traz uma conotação de esperança, confiança e perseverança no surgimento de novas conquistas que poderão surgir. Trata especificamente de futebol, sem fazer alusão a outras modalidades esportivas, diferente de outros hinos populares, como do Vasco, Flamengo e Botafogo, que, em algum momento, deixam clara a relação do clube com outras modalidades.

Hei de torcer, torcer, torcer. Hei de torcer até morrer, morrer, morrer... é o trecho inicial da marcha popular que Lamartine Babo dedicou ao América Football Club, seu time de coração. E, realmente, a letra escrita pelo célebre compositor profetizava o que mais tarde aconteceria numa simbólica demonstração da vida imitando a arte.

Em 1963 o produtor de espetáculos Carlos Machado preparou um grande espetáculo, no Hotel Copacabana

Palace no Rio de Janeiro, baseado na vida e obra de Lamartine Babo. No dia 13 de junho, Babo compareceu a um dos ensaios e, no momento em que chegou, a orquestra atacava o hino do América Football Club. Lamartine não se conteve e cantou emocionado o hino, junto à orquestra. O episódio certamente agitou o já debilitado coração do compositor que, quatro meses antes, havia tido o primeiro infarto. Na madrugada de 16 de junho de 1963, não resistindo ao segundo, morreria Lamartine de Azeredo Babo, com 59 anos de idade. Na tarde desse mesmo dia, o compositor seria sepultado envolto na bandeira do América, conforme desejo expresso²³.

Club de Regatas do Flamengo

Foi gravado pela primeira vez em 1945, pela voz de Gilberto Alves, o hino popular do Flamengo (Quadro 11). Por já ser um clube de massa na ocasião, Lamartine achava que a obra dedicada ao Flamengo deveria lembrar um hino de guerra. A letra passa a idéia de uma paixão arrebatadora, que não deixa espaço para uma possível traição ou infidelidade com outro clube, transmitindo a sensação de um compromisso que deve ser honrado até o fim da vida. Assim como o hino oficial, apresenta simbolismos bélicos, sendo, entre todos os hinos populares, o que mais reforça essa possibilidade, fazendo emergir características, como coragem, audácia, poder de destruição e desafio à morte. Referindo-se ao gramado (metonímia para o futebol), é apresentada uma visão panorâmica com uma conotação histórica, mostrando a tradição em obter vitórias, especificamente no clássico Fla-Flu, que sintetiza essas glórias e essa beleza: “mais cotado nos Fla-Flus, é um ai-jesus”, sintetizando também a fé, que na cultura brasileira refere continuamente o contato com

Quadro 10 - Hino popular do América²⁶

*Hei de torcer, torcer, torcer
Hei de torcer até morrer, morrer, morrer
Pois a torcida americana é toda assim
A começar por mim
A cor do pavilhão é a cor do nosso coração
Em nossos dias de emoção
Toda torcida cantará esta canção
Tra-la-la-la-la-la
Tra-la-la-la-la-la
Tra-la-la-la-la
Campeões de 13, 16 e 22
Tra-la-la
Temos muitas glórias
E surgirão outras depois
Tra-la-la
Campeões com a pelota nos pés
Fabricamos aos montes, aos dez
Nós ainda queremos muito mais
América unido vencerás!*

Lamartine Babo - 1947

o divino²⁴. O clássico Fla-Flu, como foi batizado pelo jornalista Mário Filho, praticamente dominou os certames (com quatro conquistas cada) até 1945, quando o Vasco conseguiu novamente se sagrar campeão¹.

Club de Regatas Vasco da Gama

O hino popular do Vasco (Quadro 12), com sua introdução instrumental baseada no hino nacional de Portugal, exalta o navegador português Vasco da Gama, relacionando subliminarmente suas glórias às glórias da agremiação. Como no oficial, é o hino que mais fortemente simboliza o processo imigratório da colônia portuguesa para o Brasil, sendo essa a característica principal do clube até os dias atuais. O sentido de grandeza da torcida, que abrange todo o território nacional, é presente na letra, passando a idéia de avanço e união da nação. Diferente dos outros hinos populares, faz referência explícita a outras modalidades, como o atletismo e o remo.

A criação dos hinos populares de Lamartine Babo se deu no período do Estado Novo (1937/1945), época em que o presidente do Brasil era o gaúcho Getúlio Vargas. Vargas, com o apoio do deputado Negrão de Lima, percorreu os estados, articulando-se politicamente com governadores, com a afirmativa de que estes continuariam no poder depois do golpe. E este seria dado para impedir que comunistas assumissem o poder, em um suposto plano comunista - o Plano Cohen -, forjado pelo governo, por um oficial integralista do exército, o capitão Olympio de Mourão Filho. O plano serviu de factóide para o golpe, onde Vargas assumiu o poder boicotando as eleições presidenciais de 1937, decretando o fecha-

mento do Congresso, a extinção dos partidos políticos e a suspensão da Constituição, instaurando a ditadura do Estado Novo no país²⁷.

A consolidação do regime autoritário realizou-se por meio de intensa propaganda, que procurava garantir o apoio das massas ao presidente e a difusão da ideologia trabalhista de conciliação das classes e de valorização da ordem, da disciplina e do nacionalismo. Desde 1934, a feição paternalista do presidente era propagada pelas ondas do rádio, graças ao estabelecimento do programa A Hora do Brasil¹. Em primeiro de maio de 1937, Vargas enviou ao Congresso Nacional uma mensagem, expondo os seus planos sobre a propaganda do governo pelo rádio:

“Impõe-se ampliar os trabalhos relativos à divulgação, sob os seus diversos aspectos. No interior, torna-se necessário realizar uma obra inadiável de educação cívico-política, reforçando o conhecimento do regime democrático e seu funcionamento, dando a conhecer, em toda a extensão do país, qual a orientação dos seus dirigentes e o alcance das medidas administrativas em curso. Seria conveniente e oportuno iniciar essa tarefa ainda no corrente ano. O governo da união procurará entender-se a propósito com estados e municípios, de modo que, mesmo nas pequenas aglomerações, sejam instalados aparelhos radiorreceptores, providos de alto-falantes, em condições de facilitar a todos os brasileiros, sem distinção de sexo nem idade, momentos de educação política e social, informes úteis aos seus negócios e toda sorte de notícias tendentes a entrelaçar os interesses diversos da Nação. A iniciativa mais se recomenda quando consideramos o fato de não existir no Brasil imprensa de divulgação nacional. São diversas e distantes as zonas do interior e a maioria delas dispõe de imprensa própria, veiculando apenas as notícias de caráter regional. A radiofonia está resolvendo o papel de interessar todos por tudo quanto se passa no Brasil”²⁸.

A partir de 1939, com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), o controle dos meios de comunicação tornou-se ainda mais eficaz graças à censura, à promoção de concursos musicais e à organização de manifestações cívicas, nas quais abundavam retratos de Vargas, ritualizando os compromissos entre as massas e o presidente.

Na mesma lógica que orientava as medidas corporativas do Estado Novo, em 1941 foi criado o Conselho Nacional dos Desportos (CND), vinculado ao Ministério da Educação e Cultura, que subordinava a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e as federações regionais, que tinham poder de fiscalização, normatização e organização de todas as modalidades esportivas do país. A intenção do Estado, embora tenha sido romper com os indícios de “desordem” existentes, não deixou de ser o

Quadro 11 - Hino popular do Flamengo¹⁷

*Uma vez Flamengo
Sempre Flamengo
Flamengo sempre eu hei de ser
É o meu maior prazer
Vê-lo brilhar
Seja na terra
Seja no mar
Vencer, vencer, vencer
Uma vez Flamengo
Flamengo até morrer
Na regata ele me mata
Me maltrata, me arrebatá
Que emoção no coração
Consagrado no gramado
Sempre amado, o mais cotado
No “Fla-Flu é o Ai, Jesus”
Eu teria um desgosto profundo
Se faltasse o Flamengo no mundo
Ele vibra, ele é fibra
Muita libra já pensou
Flamengo até morrer eu sou
É, eu sou*

Lamartine Babo - 1945

início da regulamentação ou normatização do esporte brasileiro¹⁸. Sem dúvida, os anos do Governo Vargas haviam difundido um sentimento nacionalista potencializado pelo futebol e pela guerra, dois combates repletos de semelhanças. Alçado à condição de principal esporte e, junto com o carnaval, principal espetáculo do país, o futebol expressava nitidamente o sentimento de identidade nacional forjada sob a batuta autoritária.

A era Vargas (1930/1945), que proporcionou um amplo investimento no rádio brasileiro, confunde-se com a história dos hinos populares criados por Lamartine Babo em 1942. Antes de criar os hinos, as músicas de Lamartine já registravam fatos históricos de relevância no cenário nacional, que se entrelaçavam com episódios marcantes da era Vargas, como as marchas feitas no período da revolução (1930/1934).

Na gravadora Parlophon, que também lançou discos alusivos à revolução, Almirante gravou as marchas *O barbado foi-se*, de Lamartine Babo (Doutor Barbado/Foi-se embora/Deu o fora/Não volta mais), e *Gegê - Seu Getúlio* (também de Lamartine Babo), cuja letra chamou a atenção para o papel do rádio naqueles acontecimentos: “Só mesmo com revolução/Graças ao rádio e ao parabelo/Nós vamos ter transformação/Neste Brasil verde e amarelo”²⁸.

No período do Estado Novo, Lamartine, além de pertencer ao primeiro time de compositores do Rio de Janeiro, então Distrito Federal e principal centro cultural do Brasil, trabalhava como radialista na Rádio Mayrink Veiga, que figurava entre as principais emissoras de rádio do país, posto esse que só entraria em declínio na década de 1950, com a chegada da televisão aos lares brasileiros. O ilustre compositor encontrou, no período acima descrito, um ambiente fecundo para promoção de suas marchas populares em homenagem aos clubes de futebol. O esporte já desfrutava de amplo reconhecimento público, era o primeiro em preferência nacional e

Quadro 12 - Hino popular do Vasco¹⁷

*Vamos todos cantar de coração
A Cruz de Malta é o meu pendão
Tu tens o nome de um heróico português
Vasco da Gama, a tua fama assim se fez
Tua imensa torcida é bem feliz
Norte e sul, norte e sul deste país
Tua estrela, na terra a brilhar
Ilumina o mar
No atletismo és um braço
No remo és imortal
No futebol és o traço
De união Brasil-Portugal*

Lamartine Babo - 1949

se esforçava para romper a barreira do amadorismo. Era comum, no período, encontrar compositores, jornalistas e intelectuais, envolvidos com a causa futebolística, tendo apoio do rádio como veículo de comunicação, abrigando e dando projeção a essa classe formadora de opinião, como os compositores Lamartine Babo, Ari Barroso, Antônio Maria e o jornalista Mário Filho, que ajudaram a transformar o futebol brasileiro nesse grande fenômeno sócio-cultural de projeção planetária.

Mário Filho, em meio à crise entre amadores e profissionais no Rio de Janeiro, contribuiu para a transformação do futebol brasileiro no grande espetáculo das multidões, ao promover concursos entre os torcedores e estimular sua carnavalização, que desembocaria na elaboração de bandeiras, hinos, símbolos, mascotes e grupos uniformizados¹.

Considerações finais

A música e o futebol desempenham papel de extrema importância na formação da identidade do cidadão carioca. Os hinos oficiais e populares dos clubes de futebol talvez representem, na dimensão sociológica, o casamento mais bem sucedido desses universos de cria-



Figura 1 - Fantasiado de diabo, o compositor Lamartine Babo, desfila em carro aberto em 1960, comemorando o último título carioca do América²⁵

ção que enaltecem o cidadão brasileiro e que tão bem alicerçam o nosso sentimento de brasilidade no Brasil e no exterior.

A análise do conjunto da obra de hinos oficiais e populares nos permitiu verificar a importância do material, que reflete à sua maneira, aspectos fundamentais no modo de viver e de se relacionar do carioca, ressaltando nuances de cada período histórico, mostrando nossas contradições e nos ajudando a entender o passado para que possamos, no presente, desenvolver estudos relacionados à estética, à ética e à lógica, que nos auxiliem a tornar nossa cidade, além de maravilhosa, justa e democrática em suas oportunidades para todos que nela vivem.

Fica clara também a necessidade de uma pesquisa mais ampla sobre os autores das manifestações oficiais, suas biografias e de todo material produzido no período, como registros fonográficos, partituras, críticas e reportagens, que, por terem sido feitos, em sua maioria, na Primeira República, não desfrutaram dos benefícios de divulgação do Estado Novo, dificultando o acesso dos torcedores a essas informações que correm o risco de ficarem perdidas no tempo e, até mesmo, ocultadas pela grande repercussão que os hinos populares de Lamartine Babo tomaram, pela grandeza poética e qualidade melódica, mas também pela excelente estratégia de divulgação acoplada à política do Estado Novo Vargasista.

Na dimensão das manifestações populares, também é necessário um maior aprofundamento no sentido de resgatar as gravações originais, partituras, intérpretes e realizar pesquisas de campo com pessoas que conviveram com Lamartine Babo e participaram do universo de criação das obras, objetivando colher mais dados que fundamentem as verdadeiras motivações do autor na construção das músicas, haja vista que, na biografia do autor, o espaço reservado à história dos hinos é extremamente reduzido.

Além da importância educacional, filosófica, histórica e social, o estudo dos hinos representa também um aprofundamento às proposições do manifesto mundial da Educação Física, publicado pela Federação Internacional de Educação Física (FIEP), que estimula a cultura de paz e do *fair play* no esporte. Entendemos que, através do universo lúdico dos hinos, que por si só possuem a força de unir as pessoas e, utilizando o recurso da música, que é um documento autêntico e espontâneo que, juntamente com o futebol, expressa as paixões populares do cidadão brasileiro, poderemos construir instrumentos que nos auxiliem na transmissão desses saberes.

REFERÊNCIAS

1. Franco Júnior H. A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras; 2007.

2. Vasco da Gama CR. *Club de Regatas Vasco da Gama, Site Oficial*. [acesso em 2008 jun 26]. Disponível em: <http://www.crvscodagama.com/?display=HISTORIA-2>.
3. Melo VA. *Futebol: que história é essa? Em: Carrano PCR (organizador). Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A; 2000.
4. Napoleão AC. *Fluminense Football Club: história, conquistas e glórias no futebol*. Rio de Janeiro: Mauad; 2003.
5. Henrique A. *AFC-RJ América Football Club, O Site Oficial da Torcida Rubra 1904 - 2004*. [acesso em 2008 jul 2]. Disponível em: http://americafootballclub.com/historia/1904_1930/ate_1930.htm.
6. Napoleão AC. *Botafogo: história, conquistas e glórias no futebol*. Rio de Janeiro: Mauad; 2000.
7. Castro R. *O vermelho e o negro: pequena grande história do Flamengo*. São Paulo: DBA Artes Gráficas; 2001.
8. Ghiraldelli Júnior P. *Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação brasileira*. 10ª ed. São Paulo: Loyola; 2007.
9. Coelho Netto P. *História do Fluminense: 1902-2002*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pluri Edições; 2002.
10. *Arquivo do Almirante*. Rio de Janeiro: Museu da Imagem e do Som; 2008.
11. *Arquivo do Botafogo de Futebol e Regatas*. Rio de Janeiro: Botafogo de Futebol e Regatas; 2008.
12. Cunha OR, Castro T. *O América na história da cidade*. Rio de Janeiro: Real Rio Gráfica; 1990.
13. Albin RC. *Lamartine Babo. Dicionário Cravo Albin da Música popular brasileira*, 2002. [acesso em 2008 set 25]. Disponível em: http://www.dicionariompb.com.br/verbete.asp?tabela=T_FORM_A&nome=Lamartine+Babo.
14. Aquino W, Cruz C. *Acima de tudo rubro-negro: o álbum de Jayme de Carvalho, Wilson Aquino, Cláudio Cruz*. Rio de Janeiro: C. Cruz; 2007.
15. Cabral S. *Livro oficial do centenário do Club de Regatas Vasco da Gama*. Rio de Janeiro: BR Comunicação; 1998.
16. Rocha JS. *Club de Regatas Vasco da Gama - histórico. Primeiro Volume. 1893-1923*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica; 1975.
17. *Museu do Futebol*. São Paulo; 2008.
18. Tubino MJG. *500 anos de Legislação esportiva brasileira: do Brasil colônia ao início do século XXI*. Rio de Janeiro: Shape; 2002.
19. Hochman G, Lima NT. *Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República*. Em: Maio MC, Santos RV (organizadores). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, Centro Cultural Banco do Brasil; 1996.
20. Branco C. *Os papéis sociais do futebol brasileiro revelados pela música popular (1915-1990)*. Em: Silva FCT, Santos RP (organizadores). *Memória social dos esportes - futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, FAPERJ; 2006.
21. Carvalho JM. *Brasil, naciones imaginadas*. Em: *De los imperios a las naciones: IberoAmerica*. Aninno A (organizador). Saragoza: Ibercaja; 1994.
22. Skidmore T. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1976.
23. Valença SS. *Tra-la-lá*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Velha Lapa Gráfica e Editora; 1989.
24. Votre SJ, Oliveira AB. *Hinos e gritos de guerra do futebol: construindo e reconstruindo o imaginário*. Em: Costa VLM, Ferreira NT (organizadores). *Esporte, jogo e imaginário social*. Rio de Janeiro: Shape; 2003.
25. Daffon R, Pimentel J. *Jornal O Globo*. 2ª ed. Rio de Janeiro; março de 2006.
26. Valle FB. *América: antologia lírica de um sentimento obstinado*. Rio de Janeiro: EdiarTE; 2004.
27. Vicentino C. *História para o ensino médio: história geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione; 2005.
28. Cabral S. *A MPB na era do rádio*. São Paulo: Moderna; 1996.

Recebido: 02/10/2008 – Aceito: 15/12/2008